

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO E DE GÊNERO EM VARIEDADES NÃO-EUROPEIAS DO PORTUGUÊS¹

Suellen Pamela Ramos Gomes²

Resumo: Este estudo buscou investigar a concordância nominal (CN) de número e de gênero na escrita de falantes do português brasileiro (PB) e nos dados orais de fala do português angolano (PA) e moçambicano (PM). Para tanto, sob os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV (1972 [2008])), discutimos que fatores linguísticos e extralingüísticos favorecem ou desfavorecem essa concordância. O *corpus* do PB constituiu-se de 1272 ocorrências de sintagmas nominais (SN) para a concordância número e de 5.088 ocorrências para a concordância de gênero, com o percentual de 100% de aplicação da variante padrão para esta última. Quanto ao PA, encontramos 170 ocorrências para a concordância de número e 434, para gênero. Para o PM, foram 28 ocorrências para número e 96 para gênero. Por fim, verificamos, nos *corpora* desta pesquisa, de acordo com as três regras linguísticas (LABOV, 2003), que a CN de número e de gênero para o PB mostrou-se *semicategórica* e *categórica* respectivamente, e, para as variedades africanas do português, a CN de número apresentou-se como uma regra *semicategórica* para o PA e *variável* para o PM, e a CN de gênero, *semicategórica* para ambas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Concordância Nominal. Escrita. Português

Resumen: Este estudio buscó investigar la concordancia nominal (CN) de número y de género en la escritura de hablantes de portugués brasileño y en los datos orales de habla del portugués en Angola y en Mozambique. Para ello, en los presupuestos de la Sociolingüística Variacional (LABOV (1972 [2008])), discutimos que factores lingüísticos y extralingüísticos favorecen o desfavorecen esa concordancia. El *corpus* del PB constituyó de 1272 ocurrencias de sintagmas nominales (SN) para la concordancia de número y de 5.088 ocurrencias para la concordancia de género, con el porcentaje del 100% de aplicación de la variante estándar para esta última. En cuanto al PA, encontramos 170 ocurrencias para la concordancia de número y 434, para género. Para el PM, fueron 28 ocurrencias para número y 96 para género. Por último, verificamos, nos *corpora* de esta investigación, de acuerdo con las tres reglas lingüísticas (LABOV, 2003), que la CN de número y de género para el PB se mostró *semi-categórica* y *categórica* respectivamente, y, para las variedades africanas del portugués, la CN de número se presentó como una regla *semi-categórica* para el PA y *variable* para el PM, y la CN de género, *semi-categórica* para ambas.

Palabras clave: Sociolingüística. Concordancia Nominal. Escritura. Portugués

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as variedades não-europeias do português, a saber: o português brasileiro (PB), angolano (PA) e moçambicano (PM), direcionando nosso olhar para a morfossintaxe da concordância nominal de número e gênero nessas variedades, sob o viés da Sociolinguística Variacionista, segundo a qual “língua e

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sendo requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, realizado sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva.

² Licencianda em Letras – Habilitação em Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. e-mail: suellenufpe@gmail.com

sociedade não pode ser concebida uma sem a outra.” (ALKMIM, 2012 p. 28). Tal concepção vem embasando nossa vivência acadêmico-científica no Curso de Letras a partir da atuação no campo da iniciação científica (Programa de Iniciação Científica (PIC) e da docência (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)), bem como da experiência no grupo de pesquisa *Relação entre Fala e Escrita* (REFALES), coordenado pelo Prof. Dr. André Pedro da Silva, do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Ademais, vale dizer que a escolha da temática aqui proposta decorreu de um plano de trabalho desenvolvido no âmbito da Iniciação Científica (PIC) vinculado ao projeto de pesquisa intitulado *Aspectos Morfossintáticos na língua escrita de falantes de países de língua portuguesa: influências do contato linguístico*, coordenado pela Profª. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva. Nesse plano, realizamos uma pesquisa voltada ao domínio da concordância nominal em variedades não-europeias do português, vindo a resultar no trabalho investigativo aqui realizado. Para uma melhor compreensão dessas três variedades, é preciso levarmos em consideração, a partir de agora, o contexto sócio-histórico-cultural nos quais o PB, o PA e o PM estão inseridos.

Com o período da expansão marítima, Portugal surge como pioneiro no ciclo das grandes navegações. No século XV, “a língua portuguesa foi sendo levada para todos os continentes do planeta” (LUCCHESI, 2012, p. 46) decorrente da expansão colonial europeia. Consequentemente, esse passado colonial deixou marcas, entre elas: a língua portuguesa como língua oficial de Angola, Moçambique e Brasil. Entretanto, o processo de implantação da língua portuguesa nessas regiões ocorreu de forma diferenciada, devido às características do processo de colonização que se deu em cada um desses lugares.

O contato do português europeu com as línguas africanas do grupo banto (línguas autóctones) ocorreu, segundo Petter (2009), na seguinte cronologia: em 1842, com a chegada de Diogo Cão à África; posteriormente, com a chegada dos portugueses ao Brasil e, no século XIX, com os portugueses colonizando Moçambique e Angola. Esses dois países do continente africano possuem uma forte heterogeneidade linguística, pois coexistem as diversas línguas autóctones do grupo banto faladas pela maioria da população, o português, além de outras línguas estrangeiras. Segundo Adriano (2014, p. 57), o contato linguístico do português com línguas bantas tem contribuído “em larga medida, para a variação linguística, particularmente para a emergência de uma variedade do português diferente da do português

de Portugal.”

Firmino (2008) observa ainda que o período que antecede a independência de Moçambique foi marcado por uma ideologia que relacionava mobilidade social com o conhecimento da língua do colonizador, pois o conhecimento do português era um fator propiciador da ascensão social. Nesse sentido, com o processo de independência, o português passou a ser língua oficial e, associada com o prestígio, tornou-se ainda mais forte porque passou a ser o símbolo da unidade nacional promovida pela luta armada anticolonial para a libertação de Moçambique. Portanto, passa a existir “o reconhecimento social do português como um instrumento vital da integração social e construção da nação-estado em Moçambique” (FIRMINO, 2008, p. 12).

Quanto ao processo de implantação da língua portuguesa no Brasil, Lucchesi (2012) afirma que algumas peculiaridades desse processo ocorridos durante a colonização, por exemplo: o extermínio da população autóctone, a colonização massiva pelos portugueses desde o século XVI até o século XIX e os quatro milhões de africanos trazidos, no mesmo período, para desenvolver trabalho compulsório em que foram forçados a abandonar as suas línguas nativas e adotar o português como língua de comunicação desempenharam um papel decisivo na propagação da língua portuguesa no Brasil. Esse autor ainda observa que, na maioria dos países em que o português é a língua oficial, essa é a língua materna de um pequeno percentual populacional. Entretanto, o Brasil trata-se de uma exceção, pois é o país onde se concentra o maior quantitativo de falantes de língua portuguesa do mundo, ao contrário de Angola e Moçambique onde boa parte da população tem como língua materna (L1) as diversas línguas bantas que integram o mapa linguístico dessas regiões: “[e]n quanto os falantes do português em África empregam uma variedade fortemente decalcada do padrão europeu, a variedade da língua portuguesa falada pelos brasileiros, o chamado português brasileiro, distingue-se notavelmente da matriz europeia.” (LUCCHESI, 2012, p. 46)

Todavia, vale salientarmos que alguns estudos sobre as variedades africanas do português já afirmam que esse quadro tem se modificado. A faixa etária mais jovem e urbana desses países tem se apropriado do português como (L1) devido à forte carga de *status*, ascensão social e prestígio que a língua portuguesa traz consigo e a consequente estigmatização sofrida pelas línguas bantas decorrente do contexto sócio-histórico-cultural (FIRMINO, 2008).

É notória, portanto, a presença marcante do multilinguismo e das particularidades

históricas de cada uma das três variedades do português supracitadas. Para Petter (2009), a direção da mudança no PA e PM não será a mesma do PB, pois fatores de ordem linguística e social atuaram no Brasil e podem interferir nos processos de mudança. Ela enfatiza também que “os estudos sobre o PA e o PM desfrutam de uma situação privilegiada de observação, pois as diferentes línguas em contato estão ainda presentes, ainda são faladas e estão interagindo com o português.” (PETTER, 2009, p. 218). Sendo assim, tomaremos por base neste artigo o pressuposto da Sociolinguística Variacionista de que a variação é inerente às línguas naturais e é influenciada por fatores internos e externos, não sendo, portanto, aleatória. Evidências de que a heterogeneidade é inerente às línguas naturais, podem ser encontradas quando observamos estudos linguísticos que se voltam ao fenômeno variável da concordância nominal na língua falada do PB (LEMLE; NARO, 1977; SCHERRE; NARO, 1998; BRANDÃO, 2011) e do PA e do PM (PETTER, 2009; ADRIANO, 2014; INVERNO, 2009; FIRMINO, 2008; FIGUEIREDO, 2012; BRANDÃO; VIEIRA, 2012a, 2012b; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, LUCCHESI, 2012).

Diante do exposto, o objetivo central deste estudo é investigar o uso da concordância nominal de número e gênero em dados de escrita produzidos por falantes da variedade do PB e dados orais de fala produzidos por falantes das variedades do PA e PM. Além disso, são objetivos específicos: a) verificar se há contextos estruturais que restringem a ausência da concordância nominal nessas três variedades do português; b) discutir se há evidências da influência da L1 nos dados de fala do PA e do PM, e c) verificar se o tipo de regra linguística, partindo da proposta de Labov (2003), é o mesmo nas três variedades do português em análise. Para tanto, na seção 2, serão apresentados alguns estudos que discorrem sobre a concordância de número e gênero nessas variedades; na seção 3, serão apresentados os procedimentos metodológicos desta pesquisa, na seção 4, serão apresentados e discutidos os resultados e, por fim, serão apresentadas as considerações finais.

2. A concordância nominal de número e gênero em variedades do português: o que dizem os estudos?

2.1 A concordância nominal de número no português brasileiro, angolano e moçambicano

A concordância de número no sintagma nominal (SN), como em “os estudos sociolinguísticos’, em geral, alterna-se com a possibilidade de ocorrência de enunciados em que tais marcas estão ausentes: ‘os estudo sociolinguístico’.” (MOLLICA, 2010, p. 9). Tal fenômeno é evidenciado nos seguintes exemplos extraídos de nosso *corpus* em que co-ocorrem em PB a variante padrão associada à aplicação da regra de concordância nominal de número (cf. (1)) e a variante não-padrão que diz respeito à não aplicação dessa regra (cf. (2)):

- (1) **órgãos** governamentais
- (2) órgão governamentais

Além disso, conforme já enunciamos, acreditamos que fatores de ordem linguística e extralingüística podem inibir ou favorecer a ocorrência da marca de número em todos os elementos do sintagma nominal. Segundo Scherre e Naro (1998), itens mais salientes favorecem a presença das marcas de plural do sintagma nominal (cf. (3)), ao contrário de itens menos salientes (cf. (4)), ou seja, quanto maior a diferença do elemento do singular para o plural, maior será a probabilidade de ser usada a variante padrão:

(3) a. professor/professores

- b. igual/ iguais
- c. feliz/felizes

(4)a. menino/meninos

- b. homem/homens
- c. campo/campos

Quanto à *posição dos constituintes no sintagma nominal*, estudos mostram que a posição à esquerda do núcleo do sintagma nominal é a que mais favorece a ocorrência de marcas de plural (cf. (5)), ao contrário da posição à direita desse núcleo (cf. (6)), (cf. SCHERRE, 1988, 1994; SCHERRE; NARO, 1998). Portanto, elementos não nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas; elementos não nucleares à direita do nome desfavorecem-nas. Os núcleos também favorecem mais marcas de número se ocuparem a

primeira posição no sintagma nominal, ou seja, se estiverem mais à esquerda na construção (cf. (7)):

- (5)a. as minha netinha
- b. os primeiro momento

- (6)a. esses transportes alternativo
- b. os tempos livre

- (7)a. palavras errada
- b. trabalhos específico

(BRANDÃO; VIEIRA, 2012a, p. 16)

Brandão e Vieira (2012a), ao observarem os dados de fala urbana no PB e no português de São Tomé (PST), também confirmam que a primeira posição pré-nuclear tende a ser mais marcada (8a) e (8c). A partir do núcleo em segunda posição, vai decrescendo gradativamente a presença da marca (9a) e (9b):

No PB:

- (8)a. aquelas coisa toda
- b. ter condições financeira boa

(BRANDÃO; VIEIRA, 2012b, p. 28)

No PST:

- (9)a. aquelas lula mesmo grande
- b. pego n[as minha ferramenta

(BRANDÃO; VIEIRA, 2012b, p. 9)

Assumindo a perspectiva laboviana de que língua e sociedade formam um todo indissociável, deteremos também nossa atenção em duas variáveis extralingüísticas nos dados do PB analisados neste artigo, a saber: (a) *sexo* e (b) *notas nas redações*, a fim de percebermos quais de seus fatores inibem ou favorecem a variante padrão.

Estudos sociolinguísticos concluem que o sexo feminino é mais propenso ao uso da forma padrão (SCHERRE; NARO, 1998, p. 11) por “quebrar” menos as regras sociais estabelecidas, sendo, em particular, mais sensível à norma de prestígio. Em sua tese de doutorado, Scherre (1988), ao aliar a variável sexo à escolaridade, atestou que as mulheres semi-alfabetizadas realizam mais a concordância de número do que os homens, o que será verificado nos dados de escrita aqui apresentados.

Entretanto, um outro estudo, ao comparar os dados de fala de homens e mulheres de São Tomé, demonstra que “as mulheres desfavorecem o cancelamento da marca de número no sn enquanto os homens o favorecem” (BRANDÃO; VIEIRA, 2012b, p. 33), corroborando com estudos já desenvolvidos sobre as comunidades rurais cujos resultados revelam que os homens tendem a liderar as mudanças em favor do padrão normativo, pelo fato de manterem mais contatos fora da comunidade do que as mulheres. São os homens que se deslocam mais para as feiras para comercializar os eventuais excedentes de sua produção agrícola familiar e se dirigem para os grandes centros urbanos em busca de trabalho. As mulheres, por sua vez, tendem a ficar mais restritas ao universo doméstico e ao trabalho na roça. Logo, são os homens que sofrem mais influências externas, liderando o processo de assimilação dos padrões linguísticos urbanos (LUCCHESI, 2009, p.369).

Quanto à concordância nominal de número nas variedades africanas, alguns estudos discorrem sobre resultados que apresentaram discordância em relação à norma europeia do português. Petter (2007, p. 16) observa que “a variedade angolana tende a marcar o número somente no elemento mais à esquerda do SN, o que equivale a dizer que o número é marcado no elemento à esquerda do núcleo, pois essa é a posição típica do português. Esses resultados corroboram com os estudos de Scherre (1988), Scherre e Naro (1998) e Brandão e Vieira (2012a). Vejamos alguns exemplos do *corpus* analisado por Petter (2009, p. 207) para dados do PA e do PM:

No PA:

(10) “Você chega lá **os caminhão** todo um dia tão abastecer”

No PM:

(11) “Era ele com **os outro** que descarregava **os tambor** de óleo”

Diante do exposto, buscaremos não só analisar dados escritos do PB, mas também dados de fala do PA e do PM produzidos por estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), a fim de verificarmos os padrões de concordância nominal encontrados nessas duas variedades africanas do português. Em um momento posterior do estudo, ampliaremos com os dados de escrita dessas variedades, a fim de compararmos com os dados do PB.

2.2 A concordância nominal de gênero no português brasileiro, angolano e moçambicano

Alguns estudos sobre a concordância de gênero, embora ainda escassos, têm sido realizados no Brasil. Petter (1999) investigou a comunidade afro-brasileira da cidade de Salto de Pirapora, localizada em São Paulo e composta de descendentes de africanos cuja fala apresenta um léxico originado de uma língua banto com aspectos morfossintáticos do português. A autora destacou que o gênero é marcado no artigo, sendo o adjetivo favorecedor de maior concordância quando anteposto ao nome.

Outro estudo sobre a concordância de gênero é o de Helvécia, localizada no Sul da Bahia, cuja comunidade é composta de descendentes de escravos. Lucchesi (2009) aponta para outro padrão: os elementos antepostos e pospostos ao nome sofrem variação de gênero.

Ademais, Callou (1998) investigou uma comunidade do sertão da Bahia sem ligação com comunidades africanas, de atividade garimpeira, do século XVII. O isolamento dessa comunidade favoreceu a criação de "um dialeto de traços conservadores, além de traços típicos do português europeu" Callou (1998, p. 260) *apud* Dettoni (2003, p. 47). A autora ainda complementa com a informação de que algumas formas que deveriam ser flexionadas no masculino passam para o feminino, a saber: *o bronquite*, *o lebre*, Callou (1998, p. 264-652) *apud* Dettoni (2003, p. 47). Assim, "a concordância de gênero, ao contrário da concordância de número, não apresenta, em alguns dialetos populares do português do Brasil, um padrão de variação regular e estável" (DETTONI, 2003, p. 47).

Quanto à concordância nominal de gênero do PA e do PM, observam-se algumas

particularidades. Segundo Petter (2009), o gênero do determinante não coincide com o gênero do morfema de conteúdo, pois a ausência da concordância de gênero decorre da influência da língua materna L1 (línguas bantas).

Alguns estudos, como o realizado em Helvécia, já mencionado, apresentam a hipótese de que há interferência da língua materna sobre o português (segunda língua). A autora traz alguns exemplos de cada variedade do português:

No PB:

- (12) a. “Os menino é os que mais gosta de 9rincadeira *bruto*”
b. “*O meu meninada* é acostumado”

No PA:

- (13) “Os camaradas descem conforme a porta do autocarro ainda tava *aberto*”

No PM:

- (14)a. “É uma cidade mais ou menos *idêntico* à de Maputo”
b. “As condições não estão nada *bom*”

(PETTER, 2009, p. 208)

Em um estudo intitulado *Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas*, Petter (2007) afirma que a variação de gênero no PA e PM é alta, imprevisível e arbitrária e, ao compará-la com o PB, cita diversos estudos sobre comunidades afro-brasileiras isoladas, as quais comprovam esse fato, dentre eles o de Helvécia realizado por Lucchesi (2000):

Esses estudos, desenvolvidos dentro da perspectiva variacionista, afirmam, no entanto, que há fatores internos ao SN que favorecem a aplicação da regra de gênero, como: SN simples (núcleo + determinantes); determinantes, modificadores, e quantificadores à direita do núcleo; a existência de concordância de número favorecendo a concordância de gênero. Todos esses trabalhos evidenciaram que a variação na concordância é da ordem de 5%, o que indica tratar-se de uma mudança quase completa, em favor da adoção da norma padrão. (PETTER, 2007, p. 17).

Em seu estudo *Os aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, português brasileiro e português moçambicano*, Petter (2009) investiga os aspectos linguísticos comuns, comparando essas variedades a fim de compreender como o contato de línguas africanas com o português pode explicar as mudanças da língua transplantada. Ela conclui com a “hipótese de um *continuum* afro-brasileiro de português. A língua européia vai-se multiplicando em variedades de origem comum que mudam, também, em função do tempo e espaço próprio em que se manifestam.” (PETTER, 2009, p. 218).

Brandão e Vieira (2012b), em um estudo sobre o PB e o PST, observam que nesta última quanto maior for a frequência da língua materna, maior será a tendência de o falante não implementar a marca de número no sintagma nominal, um resultado que segue a mesma direção do que foi obtido por Petter (2009) e Lucchesi (2009) para a concordância de gênero nas variedades não-africanas do português.

Vieira e Brandão (2014), ao realizarem um estudo sociolinguístico sobre a concordância nominal na língua falada e assumindo as três regras linguísticas propostas por Labov (2003, p. 243) (cf. quadro 1, a seguir), verificam, a partir de seus dados, uma distinção entre o PB e o português europeu (PE): enquanto na primeira, a taxa de aplicação da variável padrão enquadra-se na regra *variável*; na segunda, a regra é *semicategórica*:

Quadro 1: Tipos de regras linguísticas.

Tipo de regra	Frequência com que opera	Violações
I - Categórica	100%	Nenhuma
II - Semicategórica	95 - 99%	Rara e relatável
III - Variável	5 - 95%	Nenhuma por definição e não relatável

Fonte: Labov (2003, p. 243).

Diante do exposto e conforme já enunciado na introdução, um de nossos objetivos é verificar se o tipo de regra associado ao fenômeno variável da concordância de número e gênero na língua escrita do PB e na língua falada do PA e do PM difere do tipo de regra

analizado por Vieira e Brandão (2014) para as variedades do português por elas analisadas. Nesse sentido, temos como meta contribuir com os estudos variacionistas realizados no âmbito da concordância nominal.

3. Metodologia

Para a execução desta pesquisa, foram realizados pesquisa, seleção, leitura e fichamento da bibliografia sobre a teoria que embasa o estudo e sobre análises já realizadas sobre a temática. Além disso, foi utilizado o método estatístico para a realização da análise quantitativa dos dados.

Para a constituição do *corpus* da variedade do PB voltado aos dados de escrita, foram extraídos sintagmas nominais das 48 redações escolhidas (sendo critério de seleção o maior número de linhas) produzidas por alunos do Ensino Médio que prestaram exames para ingresso em uma instituição de ensino superior do Recife, na área de Ciências Humanas e Exatas, valendo referirmos que essas redações possuem notas de 2,0 a 4,5 e de 6,0 a 7,5, sendo produzidas por 24 discentes do sexo feminino e 24 do sexo masculino.

O *corpus* do PB é constituído de sintagmas nominais que apresentam a variável dependente (aplicação da regra de concordância nominal de número *versus* não-aplicação dessa regra). Além disso, foram escolhidas para a análise as variáveis linguísticas: a) *posição linear dos constituintes no SN* (pré-nuclear, nuclear e pós-nuclear) e b) *saliência fônica* (mais saliente x menos saliente), e as variáveis extralingüísticas: a) *sexo* (masculino x feminino) e b) *nota da redação* (maior nota x menor nota).

Para as variedades africanas do português PA e PM, inicialmente seriam selecionadas 160 redações de alunos angolanos e moçambicanos intercambistas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), localizada no estado do Ceará. Para a constituição do *corpus*, seriam extraídos dados escritos de 160 redações (80 de moçambicanos e 80 de angolanos), sendo selecionadas 40 redações de alunos com maior nota (20 do sexo feminino e 20 do sexo masculino) e 40 de alunos com menor nota (20 do sexo feminino e 20 do sexo masculino).

Todavia, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) vetou o meu acesso a essas redações, exceto a minha orientadora que já integra projetos de pesquisa de orientandas da

Pós-Graduação em Letras da UFPE que têm trabalhado com variedades africanas do português. Por não haver tempo hábil para a submissão do projeto a esse Comitê após a resposta obtida, encontramos, como alternativa, um *corpus* com entrevistas espontâneas, já transcritas e disponíveis no domínio virtual do projeto de pesquisa PROFALA da Universidade Federal do Ceará (UFC) (<http://www.profala.ufc.br>), que estuda variedades do português, incluindo dados de fala de alunos da UNILAB. Vale referirmos que, em um momento posterior, pretendemos submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética, visamos obter dados de escrita do PB e do PA. É fato que os resultados obtidos nesta pesquisa para essas variedades serão comparados posteriormente com os dados de escrita dessas mesmas variedades.

Para a constituição do *corpus* dos dados orais de fala das variedades africanas do português, selecionamos 06 informantes de Angola e 02 de Moçambique, sendo critério de escolha das entrevistas o fato de os falantes terem menos de seis meses no Brasil. A hipótese para essa decisão decorre do fato de acreditarmos que, por estarem a pouco tempo no Brasil, haja menos influência do PB sobre o português aprendido na África cuja influência de línguas banto pode ser maior. Para a análise desses dados, foram adotadas as mesmas variáveis dependente e linguísticas. Quanto às variáveis extralingüísticas, não foi possível selecioná-las, uma vez que, o site do grupo de pesquisa não informava nenhuma informação a respeito dos informantes apenas o sexo. Entretanto, ainda assim, o quantitativo de entrevistas do sexo feminino disponível para a variedade do PA era pequeno quando comparado ao do sexo masculino. Para a variedade do PM, não existia nenhuma entrevista disponível para o sexo feminino, impossibilitando-nos de trabalhar com a variável *Sexo*.

Tendo todos os *corpora* elaborados, os dados foram codificados consoante às variáveis selecionadas e submetidos a tratamento estatístico para posterior análise quantitativa e linguística sob o viés da Sociolinguística Variacionista (LABOV (1972 [2008]).

4. A análise

4.1 A concordância nominal no português brasileiro

4.1.1 A concordância de número

No geral, os resultados quantitativos obtidos mostram, no quadro a seguir, que a taxa

de cancelamento da marca de número apresentou-se baixa. Acreditamos que o contexto de produção desses textos (maior grau de monitoramento), o grau de escolaridade (alunos concluintes do Ensino Médio) e a tipologia textual (texto dissertativo) exigida também influenciaram para que a variante padrão fosse mais utilizada.

Quadro 2: Ocorrência e percentual da CN de número em dados escritos do PB.

Ocorrências/Total	Não-Padrão %	Padrão%
7/ 1272	0,55%	99,45%

Fonte: Autora deste trabalho.

De acordo com pesquisas já realizadas sobre a tipologia de regras proposta por Labov (2003), o percentual obtido nesta pesquisa evidencia que a regra é *semicategórica* nos dados escritos em análise (99,45%), ratificando os estudos de Scherre (1988) e Naro e Scherre (2006), segundo os quais a escola exerce forte papel como responsável pela manutenção da variante de prestígio.

4.1.1.1 A posição do núcleo no sintagma nominal

Dos 1272 sintagmas nominais que compõem o nosso *corpus*, 88,9% têm o núcleo na primeira e na segunda posição; a grande maioria formada por apenas dois constituintes. O quadro, a seguir, apresenta o quantitativo geral dos sintagmas nominais, tomando por base a posição linear dos núcleos no SN:

Quadro 3: Atuação da variável Posição do Núcleo no SN.

Posição do núcleo no SN	Total	Percentual no <i>corpus</i>
1 ^a posição	574	45,1%
2 ^a posição	558	43,8%
3 ^a posição	125	9,8%
4 ^a posição	14	1,1%

Fonte: Autora deste trabalho.

4.1.1.2 A variável Posição Linear dos Constituintes no SN

De acordo com o quadro, a seguir, podemos constatar que a) elementos *não nucleares* à esquerda do núcleo favorecem a presença da variante padrão e b) os *nucleares* favorecem mais as marcas de número se ocuparem a primeira posição, ou seja, mais à esquerda na construção, à semelhança do que observaram Scherre (1988, 1994) e Scherre e Naro (1998) em suas pesquisas.

Quadro 4: Atuação da variável Posição Linear dos Constituintes no SN.

Pré- Nuclear	Ocorrências/ Total	Não- Padrão/ Pad. %
1^a posição [futuros profissionais]	2/ 511	0,39 %/ 99,6%
2^a posição [aos respectivos profissionais]	1/ 62	1,61%/ 98,39%
3^a posição [as suas próprias palavras]	0/ 1	-/ 100%
Nuclear	Ocorrências/ Total	Não- Padrão/ Pad. %
1^a posição [leis trabalhistas]	1/ 574	0,17%/ 99,8%
2^a posição [os educadores]	4/ 558	5,58%/ 94,4%
3^a posição [os grandes filósofos]	2/ 125	1,25%/ 98,5%
Pós- Nuclear	Ocorrências/ Total	Não- Padrão/ Pad. %
2^a posição [leis trabalhistas]	1/ 61	1,6 %/ 93,9%
3^a posição [nos países desenvolvidos]	0/ 67	-/ 100%
4^a/5^a posição [todas as faixas etárias]	0/ 15	-/ 100%

Fonte: Autora deste trabalho.

Em suma, para os elementos nominais que não exercem a função *nuclear*, o que importa é a sua posição em relação ao núcleo. Assim, os elementos *não nucleares* à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas (99,6%); enquanto que os elementos *nucleares*, favorecem mais as marcas de número se ocuparem a primeira posição na cadeia sintagmática, ou seja, se estiverem linearmente mais à esquerda na construção. Observe a tabela acima, a 1^a posição do *núcleo* mostra um alto percentual de (99,8%).

4.1.1.3 A variável *Saliência Fônica*

Quanto ao princípio da *saliência fônica*, estudos de Scherre (1988) comprovam que formas menos marcadas, menos salientes, neste caso, aquelas em que a diferença entre a forma singular e plural está apenas na presença do morfema de número – como em [menino/meninos] – possuem mais predisposição à perda da marca do que formas mais salientes como [ovo/ovos].

No que se refere aos nomes com plurais [+salientes), nossos resultados apresentaram o percentual de 98,4%, favorecendo a variante padrão. Enquanto nomes com plurais [-salientes) desfavorecem a forma padrão, caminhando na direção do que foi verificado por Scherre (1997) de que plurais [+salientes) tendem a favorecer a variante padrão. Observem-se os resultados no quadro 5:

Quadro 5: Atuação da variável Saliência Fônica.

(+) Salientes Ocorrências/ Total [ovo/ovos] [leitão/leitões] [quartel/quarteis] [dor/dores] [vez/vezes]	Não-Padrão/ Padrão %	(-) Salientes Ocorrências/ Total [menino/meninos]	Não-Padrão/ Padrão %
2/ 320	1,6%/ 98,4%	5/ 952	1,9%/ 98,1%

Fonte: Autora deste trabalho.

4.1.1.4 A variável *Sexo*

Quanto às variáveis extralingüísticas, o resultado no quadro, a seguir, confirma resultados de outros estudos sociolinguísticos, pois o sexo feminino tende a utilizar mais a variante padrão: “a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina” (MOLLICA; BRAGA, 2012, p. 34).

Quadro 6: Atuação da variável *Sexo*.

Sexo	Ocorrências/ Total	Não-Padrão/ Padrão %
Masculino	6/ 601	10%/ 90%
Feminino	1/ 661	1,5%/ 98,5

Fonte: Autora deste trabalho.

4.1.1.5 A variável *Nota da Redação*

No quadro 7, apesar de haver pouca diferença percentual entre os fatores, observamos que os indivíduos que obtiveram menor nota produziram mais a variante não-padrão (0,9%):

Quadro 7: Atuação da variável *nota da Redação*.

Aprovados Ocorrências/ Total	Não-Padrão/ Padrão %	Reprovados Ocorrências/ Total	Não-Padrão/ Padrão %
3/ 684	0,4%/ 99,6%	4/ 582	0,9%/ 99,1%

Fonte: Autora deste trabalho.

Acreditamos que a grande produtividade da variante padrão decorra do fato do contexto de produção escrita que exige um grau maior de monitoramento quanto às escolhas linguísticas por se tratar de um exame para ingresso em uma universidade. Além disso, por se tratar de falantes que possuem um maior tempo de escolarização (no mínimo, 11 e 12 anos), a

tendência é que haja mais aplicação da regra de concordância, conforme observado em outras pesquisas sociolinguísticas (cf. SCHERRE, 1988; BRANDÃO; VIEIRA, 2012a e FIGUEIREDO, 2012).

4.1.2 A concordância de gênero

Quanto à concordância de gênero no sintagma nominal, o quadro abaixo mostra que, nos dados escritos do PB em análise, a regra é *categórica* (100%), tomando por base a proposta de Labov (2003):

Quadro 8: Ocorrência e percentual da CN de gênero em dados escritos do PB.

Ocorrências/ Total	Não- Padrão %	Padrão%
-/ 5.088	-	100%

Fonte: Autora deste trabalho.

Acreditamos que o resultado acima decorre do fato de os estudantes terem sido expostos, durante longos anos de escolarização, à pressão da escola para a manutenção e alta produtividade da variante padrão. Segundo Pinheiro e Faria (2014, p. 10 *apud* GONZALES et al 2007, p.10), “a variável escolaridade tem influência considerável sobre as taxas de aplicação de uma gama de fenômenos linguísticos e que esse papel pode estar correlacionado com a função social que a escola exerce, como promotora dos falantes típicos dos setores mais intelectualizados da sociedade” (cf. também FIGUEIREDO, 2012).

4.2 A concordância nominal no português angolano e moçambicano

4.2.1 A concordância de número

No quadro abaixo, explicitamos o percentual de aplicação e não-aplicação da regra de concordância de número no interior do sintagma nominal nas duas variedades africanas do

português, a saber: o PA e o PM:

Quadro 9: Percentual da variante padrão e não-padrão associada à concordância de número do PA e no PM.

Localidade	Ocorrência/ Total	Não- Padrão %	Padrão%
Angola	8/ 170	5%	162/ 95%
Moçambique	2/ 28	7%	26/ 93%

Fonte: Autora deste trabalho.

De acordo com as três regras linguísticas propostas por Labov (2003), a regra no PA apresenta-se como *semicategórica* (com 95% de aplicação da concordância) e para o PM, como *variável* (com 93% de aplicação da concordância); neste último, há semelhança com o que foi obtido por Vieira e Brandão (2014) para os dados de fala do PB.

Sendo o português europeu (PE) a língua do colonizador em alguns países africanos, como Angola e Moçambique, verificamos que nesse português a concordância nominal de número dá-se através do acréscimo do morfema de plural aos elementos internos ao SN que o carecem. Segundo Inverno (2009, p. 4), a concordância no SN ocorre através do

único valor marcado morfológicamente através da adição do sufixo de plural –s à raiz do núcleo do sintagma. A concordância de número realiza-se através da adição deste sufixo a todos os determinantes (artigos, demonstrativos e possessivos), quantificadores (indefinidos e numerais) e modificadores (adjectivos, sintagmas preposicionais e relativos) no SN.

A autora, comparando o PE com o PA, observa que dificilmente o núcleo do SN recebe marcação de número neste último. Dessa forma, a flexão de plural é indicada pelo acréscimo do sufixo –s apenas aos elementos não-nucleares mais à esquerda no SN. Vejamos agora exemplos do PA e do PE extraídos de Inverno (2009, p. 4):

(15) PA: Vigia as criança_

PE: Vigia as crianças.

Sobre isso, ela conclui: “a falta de marcação de número no núcleo do SN resulta do

facto de nas línguas banto esta categoria ser marcada nos nomes através de prefixos e não de sufixos". (INVERNO, 2009, p. 5 *apud* MARQUES, p. 198).

No entanto, vale ressaltarmos que estudos mostram que falantes com muitos anos de escolarização tendem a usar mais a variante padrão, à semelhança do que observamos nos dados de fala de alunos moçambicanos e angolanos da UNILAB. Sobre a variável *escolaridade*, Figueiredo (2012, p. 63), analisando os resultados obtidos por Lopes (2001, p. 107), observa que eles

por seu lado, apontam para uma relação direta e proporcional entre o aumento de tempo de exposição à pressão escolar e a maior probabilidade de ocorrer concordância no sn. Note-se que o ápice da inovação se situa na transição do Colegial para o Universitário, conotado à norma culta, a qual, por sua vez, se aproxima bastante da do PE em termos de concordância.

Das distintas ocorrências de não-aplicação da concordância de número no PA, observamos que, dos 170 sintagmas nominais, apenas 4 (2%) apresentaram a marca de plural apenas nos elementos pré-nucleares (cf. ((16a) a (16d)):

- (16)a. *nas* escola (Informante 1)
- b. *muitas* língua (Informante 3)
- c. *das* línguas materna (Informante 5)
- d. *meus* pai (Informante 6)

Sobre a ausência da concordância de número em PA, Nzau, Venâncio e Sardinha (2013, p. 171) argumentam que, ao contrário do que ocorre em PE cuja concordância é categórica (cf. BRANDÃO; VIEIRA, 2012a), os falantes

ao usarem o português, façam a transferência das estruturas e dos esquemas da sua gramática intuitiva das línguas africanas para a gramática da língua portuguesa. É disso que nos fala Marques quando, em relação a construções do tipo “*os pai”, “*as casa”, “*os pioneiro”, “*as camarada”, em falantes angolanos com fraco domínio da língua portuguesa.

Por fim, para Marques (1983, p. 219), “[o falante angolano] raciocina dentro da lógica da sua língua materna, para ele, o artigo português pode confundir-se com o prefixo e a sua função na língua materna.” Inverno (2005, p. 5) *apud* Marques (1983), em seu estudo sobre

as estruturas linguísticas do português vernáculo de Angola (PVA), traça uma análise morfossintática do sintagma nominal (SN) e observa que “a falta de marcação de número no núcleo do SN resulta do facto de nas línguas banto esta categoria ser marcada nos nomes através de prefixos e não de sufixos.”

A fim de melhor entendermos a morfossintaxe do PA, observe-se o quadro 10 extraído de Nzau, Venâncio e Sardinha (2013, p. 169) que apresenta uma comparação sobre o processo de formação de plural do kimbundo (uma dentre as várias línguas banto falada em Angola) com o português:

Quadro 10: Processo de formação de plural do kimbundo e do português.

Singular	Plural	Singular	Plural
Mu-hetu (1 ^a clas.)	A-hetu	Mulher	Mulheres
Mu-lele (2 ^a clas.)	Mi-lele	Pano	Panos
Ki-tuxi (3 ^a clas.)	I-tuxi	Pecado	Pecados
Di-kamba (4 ^a clas.)	Ma-kamba	Amigo	Amigos

Fonte: Nzau, Venâncio e Sardinha (2013, p. 169).

De acordo com o quadro acima, podemos observar que, enquanto na língua portuguesa a variação de gênero e número é feita através de morfemas gramaticais que são alocados ao final da palavra, nas línguas banto, os sintagmas nominais organizam-se em classes representadas por grupos paritários de prefixos que antecedem a base nominal ou o núcleo semântico.

Além da presença da marca de plural nos elementos pré-nucleares, veremos agora alguns casos em que não há marcação nesses elementos no *corpus* de fala de nossa pesquisa, pelo fato de o morfema de plural ocorrer em elementos localizados à direita do sintagma. Em (17), o sintagma nominal é introduzido por um possessivo, em (18), pela forma sincopada da preposição *para* e, em (19), por quantificadores não marcados para plural:

(17) meu conterrâneos sozinhos (Informante 3)

(18) pra pessoas (Informante 3)

- (19)a. alguma zonas (Informante 4)
b. alguma dificuldades (Informante 5)

Quanto ao PM, das 28 ocorrências de sintagmas nominais, apenas 2 (7%) apresentam a marcação de plural apenas nos elementos pré-nucleares, indo ao encontro dos resultados de estudos já realizados sobre o PB, por exemplo (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009; NARO; SCHERRE, 2007; SCHERRE, 1988). Naro e Scherre (2007, p. 37) afirmam que “a primeira posição do SN favorece variavelmente a presença da marca explícita de plural e as demais desfavorecem-na, também variavelmente.”

- (20)a. as pessoa (Informante 1)
b. nos dever (Informante 2)

Ademais, os sintagmas em (20), em que a marca de plural só ocorre na posição à esquerda do núcleo, parecem evidenciar a influência da língua materna (uma língua da família banto) sobre o PM, pois naquela o plural realiza-se como prefixo e não como sufixo, conforme já enunciado.

4.2.2 A concordância de gênero

Sobre o flexão de gênero, Petter (2009, p. 206-207) discorre a respeito dos *morfemas conceptualmente ativados*. Ela afirma que essa categoria é constituída pelos *morfemas de conteúdo* e pelos *morfemas gramaticais precoces*, como por exemplo, os nomes que são os protótipos dos *morfemas de conteúdo*. Ela constata que o PA, o PB e o PM emprestaram das línguas autóctones morfemas de conteúdo, os nomes. Enquanto os *morfemas gramaticais precoces* são constituídos pelos determinantes (Det – artigos e adjetivos possessivos) e, para este estudo, as marcas de número e gênero.

A autora afirma que no português, o determinante depende do núcleo nominal para a informação de gênero e número; enquanto nas línguas bantas, o determinante, um prefixo associado à raiz nominal, conforme já foi mencionado, depende do núcleo nominal para

informar a classe, que envolve principalmente a noção de número. (PETTER, 2009, p. 207)

De acordo com a teoria dos 4-M (modelo que se baseia em uma oposição referente ao mecanismo pelo qual os morfemas são acessados no processo de produção, podendo ser (+ / – conceitualmente ativado), a ordem em que os morfemas são gerados é a mesma que ocorre no aprendizado de línguas, tanto na língua materna quanto na adquirida. Logo, primeiro são aprendidos *os morfemas de conteúdo* (léxico) e, depois, *os morfemas gramaticais precoces*. (PETTER, 2009, p. 207).

A autora ainda complementa que, na concordância de gênero dois aspectos precisam ser levados em consideração: o primeiro é o gênero expresso no determinante, colocado imediatamente à esquerda do núcleo nominal, e o segundo é o gênero manifestado na concordância através de morfemas à direita do núcleo nominal ou não adjacentes a ele. Ou seja, o primeiro caso trata-se de um *morfema gramatical precoce*, em que a aquisição se faz no nível do léxico mental, divergindo da norma, como em: *o meu meninada*, exemplo que não reflete concordância, mas sim atribuição irregular (não conforme à norma) de gênero. Enquanto o segundo caso é manifestado por morfema colocado à direita do núcleo nominal, referindo-se à estrutura gramatical, é relacionado a morfemas que não estão salientes ao mesmo tempo em que *os morfemas de conteúdo* são adquiridos; sendo, portanto, *morfemas gramaticais tardios*, a saber, os adjetivos *brincadera bruto*; *meninada...acostumado*; *porta...aberto*; *cidade...idêntico*; *condições...bom*. (PETTER, 2009, p. 208).

Passemos a observar agora, o total geral de sintagmas nominais em que se verifica a aplicação *versus* a não-aplicação da regra de concordância de gênero no PA e no PM:

Quadro 11: Atuação da variável dependente no PA e no PM.

Localidade	Ocorrência/ Total	Não-padrão %	Padrão %
Angola	6/ 434	2%	98%
Moçambique	2/ 96	2%	98%

Fonte: Autora deste trabalho.

Tomando por base os tipos de regras linguísticas propostas por Labov, verificamos, com base nos resultados quantitativos, que no PA a regra é *semicategórica* para a concordância de número (95%) e de gênero (98%). Já para o PM, é *variável* (93%) para a

concordância de número e *semicategórica* (98%) para a concordância de gênero.

Sobre o fenômeno da concordância de gênero nas variedades africanas, Petter (2009, p. 208), realizando um estudo sobre o PB, o PA e o PM, verifica que a categoria do gênero observada no PB “apresentaria maior estabilidade, fruto de um período de variação mais antigo, que se teria resolvido em mudança, pela adoção de uma das variantes, no caso específico, a do gênero do português europeu.”. Não obstante, a autora verifica que é possível encontrar não-aplicação da regra da concordância de gênero no PB principalmente em comunidades quilombolas, rurais, ou em alguns centros urbanos, como é o caso da comunidade de Helvécia, no interior da Bahia.

Já, no que se refere ao PA e ao PM, estariam apresentando uma variação mais intensa por seu contato mais recente com o PE e a interferência das línguas bantas, que são a L1 falada por um alto percentual da população (cf. INVERNO, 2009).

Nos dados de fala produzidos por alunos da UNILAB, verificamos alguns sintagmas em que não se aplica a regra de concordância de gênero. Observa-se logo abaixo em (21), a seguinte formação: [Det+N] em que o núcleo nominal é feminino e os elementos à esquerda estão no masculino:

(21)a. **primeiro** língua (Informante 3 – PA)

b. **um** língua (Informante 3 – PA)

c. **um** mistura (Informante 5 – PA)

d. **muito** atenção (Informante 2 – PM)

Vale referirmos ainda que outro padrão de concordância de gênero foi encontrado no PA: sintagma nominal contendo núcleo no masculino e a marca de feminino no determinante ou quantificador pré-nominal (cf. (22)):

(22)a. **alguma** motivo (Informante 5)

b. **uma** sentido (Informante 5)

Um fato curioso decorrente dos resultados é que, mesmo em se tratando de estudantes moçambicanos e angolanos no início de sua formação universitária e que, portanto, já têm muitos anos de escolarização, a variante não-padrão associada à concordância de número e gênero é produzida. Uma razão plausível para os padrões de não-concordância encontrados encontra respaldo no contato linguístico do português com as línguas bantas, em que estas, por serem a língua materna, exercem influência sobre aquele.

Nos dados de fala produzidos por alunos da UNILAB, verificamos alguns sintagmas em que não se aplica a regra de concordância de gênero. Observa-se logo abaixo em (23), a seguinte formação: [Det+N] em que o núcleo nominal é feminino e os elementos à esquerda estão no masculino:

(23)a. **primeiro** língua (Informante 3 – PA)

- b. **um** língua (Informante 3 – PA)
- c. **um** mistura (Informante 5 – PA)
- d. **muito** atenção (Informante 2 – PM)

Vale referirmos ainda que outro padrão de concordância de gênero foi encontrado no PA: sintagma nominal contendo núcleo no masculino e a marca de feminino no determinante ou quantificador pré-nominal (cf. (24)):

(24)a. **alguma** motivo (Informante 5)

- b. **uma** sentido (Informante 5)

Um fato curioso decorrente dos resultados é que, mesmo em se tratando de estudantes moçambicanos e angolanos no início de sua formação universitária e que, portanto, já têm muitos anos de escolarização, a variante não-padrão associada à concordância de número e gênero é produzida. Uma razão plausível para os padrões de não-concordância encontrados encontra respaldo no contato linguístico do português com as línguas bantas, em que estas, por serem a língua materna, exercem influência sobre aquele.

5. Considerações finais

Embasando esta pesquisa na Teoria da Variação Linguística (LABOV (2008 [1972]) e tomando por base o fenômeno da concordância nominal de número e gênero nos dados de escrita do PB e nos dados orais do PA e do PM, foi possível observar os padrões de concordância e os tipos de regras linguísticas encontrados nessas três variedades não-europeias do português. Em linhas gerais, é muito frequente o uso da variante padrão nessas variedades em decorrência dos muitos anos de escolaridade dos falantes e da função social da escola que exerce forte influência sobre os falantes (PINHEIRO; FARIA, 2014, p. 10 *apud* GONZALES et al, 2007, p. 10).

Sobre o PB, independentemente do sexo, a variante padrão tende a ser a mais usada nas redações e fatores linguísticos tendem a favorecer o uso dessa variante, a saber: a) constituintes mais à esquerda do núcleo ou ocupando a primeira posição nuclear e b) nomes [+ salientes], indo na direção do que foi já observado na língua falada por Lemle e Naro (1977), Scherre (1988, 1994) e Scherre e Naro (1998). Além disso, a regra de concordância de número é *semicategórica*, ao passo que a de gênero, *categórica*, um resultado que pode ser explicado não só pelos muitos anos de escolarização dos informantes, mas também pelo contexto que exigia maior grau de monitoramento da língua escrita por se tratar de um processo seletivo para ingresso na universidade.

Quanto ao PA e ao PM, a regra de concordância de número mostrou-se *semicategórica* para o primeiro e *variável*, para o segundo. Nos casos da variante não-padrão, itens localizados à esquerda do SN recebem com mais frequência as marcas de plural, indo ao encontro à tendência já observada em outros estudos para o PB. Já, para a concordância de gênero, em ambas as variedades, a regra é *semicategórica*.

Em suma, esperamos que, a partir do estudo aqui realizado, possamos contribuir para os estudos sociolinguísticos variacionistas realizados no domínio da concordância nominal não só no PB, mas também em outras variedades não-europeias do português cujos estudos ainda são muito escassos na área da morfossintaxe.

6. Referências

- ADRIANO, P. S. **Tratamento morfossintático de expressão e estruturas frásicas do português em Angola:** divergências em relação à norma europeia. Tese (Doutorado em Linguística). Évora: Universidade de Évora, 2014.
- ALKMIM, Tânia M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística:** domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRANDÃO, S. F. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. **Veredas**, v. 15, n. 1: 164-178, 2011.
- _____. Variação e o estatuto de variedades do português. **Diadormir**, Rio de Janeiro, Especial, p. 83-104, 2016.
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa**, São Paulo, v. 53, nº 3, p. 1035-1064, 2012a.
- _____. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. **Papia** (Brasília), v. 22, p. 7-39, 2012b.
- CALLOU, D. M. I. Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfossintáticas. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (eds.) **“Substandard” e mudança no português do Brasil.** Frankfurt am Main: TFM, 1998, p. 255-272.
- DETTONI, R. do V. **A concordância de gênero na anáfora pronominal:** variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- FERREIRA, S. B. R. A variação na concordância nominal de número no Síntagma Nominal no Português afro-brasileiro: abordagem mórfica. **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 3, v. 3, n. 2, p. 102-117, ago/dez 2013.
- FIGUEIREDO, C. F. G. Variável extralinguística escolaridade: influência na marcação plural do sintagma nominal do português reestruturado de Almoxarife, São Tomé. **Papia** n. 22, p. 41-76, 2012.
- FIRMINO, G. **A situação do português no contexto multilíngue de Moçambique.** São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em:<www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/mes/06.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- INVERNO, L. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal. In: CARVALHO, A. M. (ed.) **Português em contato.** Madrid, Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert, 2009. p. 87-106.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). **Sociolinguistics:** the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- _____. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- LEMLE, M.; NARO, A. J. Competências básicas do português. **Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford.** Rio de Janeiro, 151p. 1977.
- LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira:** novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese de

Doutorado em Lingüística- Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

_____. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. **Estudos de Lingüística Galega**, n. 4, 2012, p. 45-65.

_____. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: Ed. da UFBA, 2009, p. 295-318.

_____; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009.

MARIANO, M. P. A influência da localidade sobre a concordância nominal. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 5, n. 1 4, n o v/ 201 4. Disponível em: < www.sociodialeto.com.br> Acesso em: 20 mar. 2018.

MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto. p. 34, 2012.

NARO, A. J., SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**, v.9, n.esp., p.437-54. 1993.

_____. Variação lingüística, expressividade e tradição gramatical. In.: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (orgs.) **Sociolinguística e Ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

_____. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 25-39.

NZAU, D. G. N.; VENÂNCIO, J. C.; SARDINHA, M. G. A. Em torno da consagração de uma variante angolana do português: subsídios para uma reflexão. **Limite**, nº 7, 2013, p. 159-180.

PETTER, M. M. T. **A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo?**. In: Klaus Zimmerman. (Org.). **Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa**. Vervuert: Iberoamericana, v. 1, p. 101-118, 1999.

_____. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. **Papia**, v. 17, p. 9-19, 2007.

_____. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. Revista **Papia - Revista brasileira de estudos crioulos e similares**, n. 19, p. 201 - 220, 2009.

PINHEIRO, L. R. **A concordância nominal no português de Belo Horizonte**. 2012. 165f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

_____.; FARIA, N. V. M. de. **Concordância nominal e verbal em Belo Horizonte: análise comparativa das variáveis saliência fônica e escolaridade**. Gatilho, nº 17, 2014, p. 30-43.

SCHERRE, M. M. P.. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese (Doutorado em Letras/Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Letras/Lingüística, Rio de Janeiro, 1988.

_____. **Aspectos da concordância de número no português do Brasil.** Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37- 49, 1994.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **A concordância de número no português do Brasil:** um caso típico de variação inerente. In Hora, Dermeval da (org.) Diversidade linguística no Brasil, 93-114. João Pessoa: Ideia, 1997.

_____.; NARO, A. J. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil.** In Ruffino, Giovanni (org.) Dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica.(Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Universitá di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. **Lingüística**, v. 30 (2), p. 81-112, dezembro, 2014.